

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Paloma Danielle Barra Machado Coelho

**INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O DESENHO “DORA, A AVENTUREIRA” COMO
FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Rio de Janeiro
2021



Paloma Danielle Barra Machado Coelho

**INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESENHO “DORA,
A AVENTUREIRA” COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador (a) Professor (a)/M.^a Zélia Áurea Silva de Azevedo Thomaz

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C672 Coelho, Paloma Danielle Barra Machado

Iniciação cartográfica na educação infantil: o desenho “Dora, a aventureira” como ferramenta pedagógica / Paloma Danielle Barra Machado Coelho. - Rio de Janeiro, 2021.

26 f.

Trabalho de conclusão de curso como artigo científico (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de PósGraduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Zélia Áurea Silva de Azevedo Thomaz.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Cartografia – Estudo e ensino. 3. Multiletramento. I. Thomaz, Zélia Áurea Silva de Azevedo. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Paloma Danielle Barra Machado Coelho

**INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESENHO “DORA,
A AVENTUREIRA” COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós Graduação, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: 29/09/2021.

Banca Examinadora:

M.^a Zélia Áurea Silva de Azevedo Thomaz
Colégio Pedro II

Dr. Rodrigo Batista Lobato
Instituto Federal Fluminense

Ma. Lúcia Maria Baère Naegeli
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2021

INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESENHO “DORA, A AVENTUREIRA” COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Paloma Danielle Barra Machado Coelho

Resumo: O presente artigo discute a significativa importância na definição e construção dos conceitos de multiletramentos na Cartografia e Iniciação Cartográfica utilizando o desenho animado infantil como ferramenta pedagógica. Apresenta como objetivo principal analisar o desenho animado “Dora, a aventureira” como recurso para o desenvolvimento da Iniciação Cartográfica, sendo este o início dos Multiletramentos na Cartografia, o qual está debruçado na temática da Educação cartográfica. Cabe-nos também apresentar os objetivos específicos, que são: Analisar o desenho animado como ferramenta pedagógica para Educação Cartográfica; Entender o conceito de Multiletramentos na Cartografia; Compreender a ideia de Iniciação Cartográfica como primeira etapa para o Multiletramentos na Cartografia. Este é um estudo de revisão bibliográfica, fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise. Para tal, tais objetos serão estudados em fontes secundárias como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e afins, que foram aqui selecionados. A partir do observado, pode-se concluir que o uso do desenho animado infantil atrelado ao processo de Iniciação Cartográfica pode potencializar a forma geográfica de pensar da criança, podendo preparar esse indivíduo para os Multiletramentos na Cartografia nos próximos segmentos escolares e na vida cotidiana.

Palavras-chave: Cartografia Escolar. Multiletramentos na Cartografia. Desenho animado infantil.

CARTOGRAPHIC INITIATION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE DRAWING “DORA, THE ADVENTURER” AS A PEDAGOGICAL TOOL

Abstract: This article discusses the significant importance in defining and building the concepts of Multiliteracies in Cartography, Cartographic Initiation using children's cartoons as a pedagogical tool. Its main objective is to analyze the cartoon “Dora, the adventurer” as a resource for the development of Cartographic Initiation, which is the beginning of Multiliteracies in Cartography, which is focused on the theme of Cartographic Education. It is also up to us to present the specific objectives, which are: To analyze the cartoon as a pedagogical tool for Cartographic Education; Understand the concept of Multiliteracies in Cartography; Understand the idea of Cartographic Initiation as the first step for Multiliteracies in Cartography. This is a literature review study, based on theorists' ideas and assumptions that have significant importance in the definition and construction of the concepts discussed in this analysis: Multiliteracies in Cartography, Cartographic Initiation and cartoons as a pedagogical tool. To this end, such objects will be studied in secondary sources such as academic works, articles, books and the like, which were selected here. From what has been observed, it can be concluded that the use of children's cartoons linked to the Cartographic Initiation process can enhance the child's geographical way of thinking, preparing this individual for Multiliteracies in Cartography in the next school segments and in everyday life.

Keywords: School Cartography. Multiliteracies in Cartography. Children's cartoon.

1 INTRODUÇÃO

Diversos são os desafios ligados ao processo de ensino-aprendizagem da Geografia, principalmente da Cartografia dentro das escolas. Para melhor compreender essa afirmativa seria interessante fazer uma analogia entre as escolas e as indústrias de produção em massa, no qual os professores e os operários seguem um modelo de produção. Na educação, essa padronização formativa em muitos casos é calcada nos livros didáticos como manuais e os métodos para avaliação, como os questionários que tinham com objetivo a memorização. Pautado nisso, ficou comum ouvir diversas afirmações como “a geografia é a ciência de colorir mapas”, “disciplina baseada no método de decorar”, disciplina que ensina “sobre capitais de estados, nomes de cidades e rios”, dentre outros.

Considerando o processo de globalização e as mudanças sociais, as indústrias precisaram se adequar e mudar seus modelos de produção com intuito de atender à nova demanda social. Então, seguindo essa analogia com a escola, é possível compreender que essa instituição precisou mudar seu olhar para atender ao novo “modelo” de estudante que permeia o espaço escolar. Esses jovens na atualidade têm acesso às diversas multimodalidades de informação (linguísticas, visual, gestual, espacial e de áudio) e que precisa ser visto como sujeito protagonista em constante construção. Logo, a escola deve priorizar a busca de inovadoras metodologias que melhorem o processo de ensino-aprendizagem da criança, se desvinculando de paradigmas tradicionais e arcaicos do antigo processo de ensino, assim, incentivando a autonomia e criatividade da criança.

Partindo do exposto acima, é de suma importância compreender a Cartografia e os mapas no contexto das múltiplas linguagens. Vale ressaltar a abordagem dos multiletramentos e da multimodalidade na Cartografia escolar para o ensino de Geografia como fonte de ensino e de aprendizagem sobre o mundo contemporâneo. Isso ocorre porque, muitas vezes, diversas crianças têm acesso imediato ao desenho animado, desde a tenra idade e essas animações passam permear o cotidiano desse pequeno indivíduo que muitas vezes ainda não frequentou um ambiente escolar, mas já adquiriu diversas informações valiosas sobre determinadas áreas de conhecimento (matemática, português, história, geografia ou ciências), sendo estas apresentadas com naturalidade durante o desdobramento da animação.

Observando todo esse contexto contemporâneo e todas as necessidades de inventar e se reinventar para atender as necessidades dos alunos, a justificativa para o desenvolvimento deste artigo está baseada na análise das crianças que adquirem informações diversas através de multimodais, sem nunca terem frequentado um ambiente escolar. Desenvolvendo a compreensão e função dos mapas por meio dos desenhos animados.

Dito isso, os objetivos principais desta pesquisa é analisar o desenho animado infantil “Dora, a aventureira” como recurso para o desenvolvimento da Iniciação Cartográfica, sendo este o início dos Multiletramentos na Cartografia, o qual está debruçado na temática da Educação cartográfica.

Já os objetivos específicos são:

- Analisar o desenho animado como ferramenta pedagógica para Educação Cartográfica;
- Entender o conceito de Multiletramentos na Cartografia;
- Compreender a ideia de Iniciação Cartográfica como primeira etapa para o Multiletramentos na Cartografia.

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, foi feita uma pesquisa de abordagem exploratória em que se procedeu à realização da pesquisa bibliográfica e da análise do desenho em questão.

O desenho animado escolhido como objeto de estudo foi “Dora - a Aventureira”. Os personagens do desenho animado contam com a ajuda de instrumentos geográficos de

orientação, tais como: a bússola e o mapa. O mesmo foi selecionado por apresentar o mapa como aliado da personagem Dora, também pelo fácil acesso aos alunos e professores, além de possuir uma linguagem atrativa e acessível, já que os personagens são crianças e o desenho é direcionado principalmente para o público de faixa etária de 03 a 06 anos.

O estudo deste trabalho será fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise: Multiletramentos na Cartografia, Iniciação Cartográfica e desenho animado como ferramenta pedagógica. Para tal, tais objetos serão estudados em fontes secundárias como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e afins, que foram aqui selecionados.

Assim sendo, o trabalho transcorrerá a partir do método conceitual-analítico, visto que foram utilizados conceitos e ideias de outros autores, semelhantes com os objetivos aqui apresentados, para a construção de uma análise científica sobre o nosso objeto de estudo.

O método de pesquisa escolhido favoreceu uma liberdade na análise de se mover por diversos caminhos do conhecimento, possibilitando assumir várias posições no decorrer do percurso, não obrigando atribuir uma resposta única e universal a respeito do objeto, visto que não existe uma verdade cartográfica absoluta, já que as possibilidades de análise são inúmeras quando se trata de uma sociedade tão fluída quanto à contemporânea.

2 DESENHO ANIMADO E SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O tom lúdico no processo de aprendizagem, através de brincadeiras, do brincar, dos jogos, das narrativas, sejam elas vindas de filmes, livros ou mídia, pode ser imprescindível para o desenvolvimento das crianças, visto que, essas atividades trazem benefícios nos aspectos físico, intelectual e social, pois é, justamente, brincando que a criança começa a desenvolver sua identidade, a exercitar sua autonomia e a inaugurar sua capacidade de socialização (PRUDÊNCIO; AZEVEDO, 2018, p.13)

Diante dessa nova realidade, muitos responsáveis e até mesmo profissionais da área, apresentam receio quanto ao uso dessa alternativa que tem se tornado cada vez mais comum para estimular o desenvolvimento infantil: o desenho animado. E não faltam motivos para tal preocupação, afinal, Silva (2017, p.32) define “que alguns desenhos podem ser superficiais, assim como, podem trazer personagens cujos comportamentos não são bons exemplos para a formação das crianças”.

Entretanto, com a disseminação do acesso à internet e aos diferentes canais de TV foi possível encontrar uma grande oferta de atrações dedicadas ao universo das crianças. E ao entrar em contato com esse universo midiático, lúdico, Silva Junior e Trevisol (2009, p.5045) afirmam que “os desenhos animados representam um conjunto de estímulos visuais, auditivos, reflexivos de mensagens e informações sobre diferentes contextos”, o qual se consegue “fomentar aprendizados importantes, trazer questões e novas perspectivas, mas sem perder o encantamento e a curiosidade, permitindo que a criança explore sua imaginação e crie suas próprias expectativas sobre aquilo que está assistindo”(OLIVEIRA, 2016, p. 15). De maneira geral, demonstram situações do cotidiano (diversidade, comportamento e relacionamento interpessoal). Por isso, surgem algumas dúvidas nos pais e nos professores: afinal, o desenho animado educativo infantil ajuda a ensinar?

Coelho e Lobato (2018, p. 6) afirmam que adotá-los como ferramenta pedagógica aos conteúdos trabalhados na Educação Infantil é uma forma de potencializar os conhecimentos escolares, além de despertar o interesse e motivação das crianças no processo de aprendizagem, ajudando no desenvolvimento físico e intelectual com o uso de elementos

lúdicos — musicalidade e apresentação de temáticas, por exemplo — eles são capazes de contribuir para o despertar da criatividade e da imaginação.

A animação pode auxiliar no processo de leitura de mundo para a criança, no qual o lúdico permite a criança compreender sobre contextos cotidianos, tornando-as críticas e iniciantes no processo de ensino aprendizagem sobre o mundo. Sobre isso, Coelho (2018) diz que:

A mídia passa a ser um instrumento, principalmente pela televisão, através dos desenhos educativos, e é interessante que os educadores e pais valorizem desenho animado, já que o mesmo pode ser uma forma de auxiliar no desenvolvimento cognitivo da criança. Logo é válido ressaltar a grande influência que os desenhos animados passam a exercer no cotidiano infantil, como uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem, como estratégia de estímulo, contribuindo para o desenvolvimento global da mesma. (COELHO 2018, p. 10)

Coelho (2018, p.11) colabora para esse debate, afirmando que o desenho animado é um excelente instrumento midiático como recurso pedagógico, marcados por uma linguagem lúdica (música, temática, cores, movimento, e temporalidade), de fácil compreensão e aprendizado, desenvolvendo maior atenção das crianças, influenciando na educação e no desenvolvimento infantil.

Portanto, de acordo com os fatos mencionados,

Fica claro que o uso do desenho como recurso didático influencia e traz benefícios a criança não só no aprendizado, mas também na sua vida, mostrando que além de compreender melhor o conteúdo estudado os desenhos servem como exemplos de vida positivamente e negativamente a serem seguidos ou não. Utilizar esse recurso como ferramenta pedagógica libera a criatividade, a espontaneidade e faz o ensino ser divertido, diferenciado e como o mesmo objetivo, ensinar sobre um determinado assunto. (SILVA, 2017, p. 15)

Além disso, alguns títulos têm como objetivo a busca do desenvolvimento do pensamento científico, permitindo ensinar curiosidades para os pequenos. Com intuito de promover a interação com quem assiste, por vezes, o personagem principal da animação transmite um conhecimento ou uma informação e, em seguida, faz uma pergunta ao telespectador mirim ou incentiva a repetição. Com esse esquema de apresentação, conteúdo transmitido pelo recurso midiático vai além da ação de sentar e apenas assistir ao desenho é isso contribui/estimula a construção do pensamento e da autonomia da criança. (BARIONI, 2013, p. 80).

Neste contexto, será feita uma análise do *cartoon* “Dora, a aventureira”, que apresenta características similares as que foram apresentadas acima, e que pode contribuir para o ensino cartográfico, visto que “os mapas fazem parte das nossas vidas desde a tenra idade, antes mesmo de a criança ir para a escola” (LOBATO; COELHO, 2018, p.6). Partindo desse princípio, a linguagem utilizada pela animação pode ser introduzida na vida das crianças durante todo o processo de aprendizagem na iniciação escolar, com atividades simples, divertidas, brincadeiras em que eles são introduzidos, mesmo que não saibam ainda muito sobre mapas. (COELHO, 2018, p. 6)

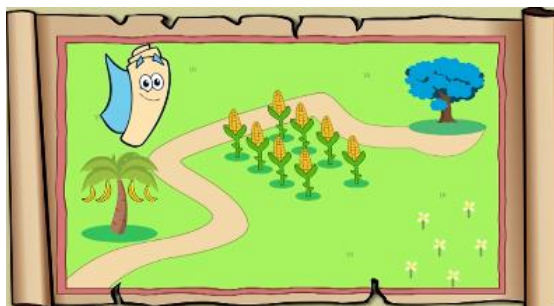
2.1 *Cartoon* “Dora, a aventureira”

O desenho “Dora, a aventureira” se difere dos demais e foi selecionado para ser desdobrado no presente artigo, pois apresenta o mapa com certo destaque, sendo quase um protagonista. Carter (2009, p.4) relata que o “personagem animado Mapa mostra aos espectadores como chegar a um destino”, o mesmo se caracteriza “como um rolo de papel com boca, olhos e sobrancelhas, muito falante e ativo no decorrer do desenho”, estando presente do início ao fim do episódio, entretanto com alguns momentos de muito destaque.

Dora Márquez é a personagem protagonista e vive quase todas as suas aventuras com seu melhor amigo Botas, o co-protagonista da série, sua mochila, e o Mapa, que está sempre presente. Com exceção a Dora e sua família, os personagens do programa são antropomórficos, ou seja, são animais, objetos ou elementos da natureza que possuem características humanas como a linguagem verbal e o raciocínio lógico (COELHO, 2018, p.82).

A principal personagem, leva consigo, uma mochila com diversos recursos essenciais para suas aventuras, alguns deles, de bastante valor geográfico, além disso, o mapa, personagem este, que vai sempre guiar qual caminho Dora e Botas devem traçar no decorrer do desenho. Dora questiona aos telespectadores sobre o que ela deve fazer para chegar a determinado lugar, no intuito de que as crianças respondam: o mapa. Pois nesse instante, o mesmo vai saltar da mochila para orientar tanto Dora, quanto os telespectadores que vivem a aventura junto. O mapa abre seu tabuleiro e representa o espaço geográfico, conforme a figura 1.

Figura 1 – O mapa ao abrir seu tabuleiro



Fonte: Netflix

É preciso destacar o cuidado, em cada detalhe, dos criadores e a forma como apresentam os mapas, permitindo com que as crianças entendam com clareza sua função. Além disso, é possível destacar o uso das formas, numerais, e cores que permitem desenvolver habilidades importantes nessa fase de aprendizagem.

Porém, para dar continuidade à utilização do desenho como ferramenta pedagógica é preciso compreender o conceito de Multiletramentos na Cartografia e a ideia de Iniciação Cartográfica baseado em Lobato (2020), que serão abordados com mais detalhes no decorrer do presente artigo.

3. CARTOGRAFIA ESCOLAR

Durante o processo de revisão bibliográfica, foi possível observar alguns conceitos utilizados para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem sobre a Cartografia Escolar, sendo estes: Alfabetização Cartográfica, Letramento Cartográfico, e por fim, Multiletramentos na Cartografia.

O conceito mais utilizado por diferentes autores para embasar suas pesquisas é o conceito de Alfabetização Cartográfica. Sendo este, bastante difundido e sistematizado pela Prof.^a Dr.^a Maria Elena Ramos Simielli em seus livros “Coleção Primeiros Mapas”, principalmente no Ensino Fundamental I, no qual a autora defende esse conceito como a primeira etapa de tornar o aluno em leitor crítico ou mapeador consciente. Para isso, a autora afirma que em seu primeiro livro, a preocupação com “crianças de 1^a a 4^a a séries do ensino fundamental ou de níveis que necessitem de alfabetização cartográfica, compreenda os processos necessários para a realização representações gráficas, sobretudo os mapas”.

Neste enredo, Simielli (1999) tem como ideia educar o discente para a visão cartográfica dividindo esse processo em duas etapas, no qual a primeira no EF I a partir do desenvolvimento de algumas noções para ser alfabetizado, tais como:

- Visão oblíqua x visão vertical;
- Imagem tridimensional x imagem bidimensional;
- **Alfabeto cartográfico: ponto, linha e área;**
- Estruturação da noção de legenda;
- Proporção e escala;
- Lateralidade e orientação.

Na segunda etapa, no EF II e Ensino Médio, é onde o estudante estará com condições para trabalhar com análise/localização, a correlação e a síntese, a medida que esse estudante no final dessa alfabetização cartográfica sairá como um leitor crítico e um mapeador consciente.

Entretanto, de acordo com o autor Jörn Seemann no capítulo “Reflexões sobre a linguagem cartográfica e a leitura de mapas”, afirma que a Cartografia é uma linguagem, não possui um alfabeto cartográfico e “diferente de uma língua com a sua estrutura rígida, uma linguagem permite “espaço de manobra” para criatividade, inovação e até subversão” (SEEMANN, 2021, p.47). Dito isso é fundamental compreender que,

O português é uma língua que segue determinadas regras de ortografia, sintaxe, vocabulário e gramática, enquanto a cartografia pode ser considerada uma linguagem que apesar de usar convenções em contextos formais (por exemplo, lagos, rios e oceanos são representados em azul) não possui uma gramática visual única e exclusiva ou um ABC cartográfico que rigorosamente definem o que está certo ou errado.(SEEMANN, 2021,p.47).

Além do exposto acima, o mesmo autor questiona o termo Alfabetização cartográfica, visto que,

“é frequentemente usado para descrever os processos de aprendizagem da linguagem cartográfica. Portanto, a escolha dessa palavra é problemática por várias razões: (1) pela imagem da alfabetização na sociedade brasileira, (2) pelo conhecimento ou a falta de conhecimento dos educadores e (3) pelo conhecimento prévio sobre o espaço vivido que as crianças possuem e que frequentemente é negligenciado na cartografia dos adultos.” (SEEMANN, 2021,p.51).

Acrescentando a isso, o autor Lobato (2020) destaca que,

“ao observar o conceito de Alfabetização Cartográfica na atualidade, percebe-se que ele possui essa cláusula pétreia, com uma cartilha passo a passo para tornar o discente um leitor crítico de mapas e um mapeador consciente, e para isso, diversos autores seguem as orientações para que esse estudante saia do Ensino Médio praticamente um exímio Cartógrafo. Mas será que eles se tornam proficientes, de fato, nessa modalidade para os padrões da Alfabetização Cartográfica?”. (LOBATO, 2020, p.29)

Para agregar mais ainda esse debate é preciso, salientar que,

Pensar em uma linha de produção educacional para formar um leitor crítico e um mapeador consciente, vai na contramão também da ideia de que o estudante não é uma “tábua rasa”, como disse Paulo Freire, pois essa alfabetização parte do princípio de que as dificuldades desse estudante - aquilo que ele não sabe - deva ser preenchido. (LOBATO, 2020, p.221)

Logo, diante do apresentado, foi possível compreender que essa não seria a abordagem para embasar este artigo. Seguindo a pesquisa bibliográfica, chegou-se até o conceito de

Letramento cartográfico, um conceito mais atual, que começou a ser defendido pela autora Sônia Maria Vanzella Castellar, sendo esta, professora na Universidade de São Paulo (USP) dando o pontapé inicial a esse termo em seu trabalho “O letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de geografia nas séries iniciais”, apresentado no 9º Encontro de Geógrafos da América Latina, no ano de 2003. A autora considera o termo *letramento cartográfico* mais amplo que alfabetização cartográfica.

O entendimento que temos dessa matriz teórica nos permite considerar que em Geografia, a leitura da paisagem e dos mapas não é apenas uma técnica, mas se utiliza dela com o objetivo de dar a criança condições de ler e escrever o fenômeno observado, mas ao se apropriar ler compreender a realidade vivida, conseguir interpretar e compreender os conceitos que estão implícitos nele e, por isso, tomamos como referência teórica nessa discussão o termo letramento assim como é tratado no campo da Educação e da Ciência Linguística.(CASTELLAR, 2013,P.4).

Entretanto o autor Lobato (2020, p.175-176) faz questionamentos pertinentes a esse termo, principalmente, quando a autora, em 2017 aborda a temática Cartografia Escolar e permanece usando o Letramento Cartográfico, porém considerando ele posterior ao processo de Alfabetização Cartográfica.

É notório que, apesar do avanço teórico-conceitual em perceber a necessidade de outro conceito para dar conta tanto epistemologicamente quanto metodologicamente para se pensar o ensino de Cartografia, a autora não desvinculou o aparecimento do conceito de letramento do conceito de alfabetização. Para a Pedagogia, talvez faça sentido apontar que, deve-se alfabetizar-letrando, pois se usa isso para o ensino da língua e a interpretação da linguagem, e nesse sentido, de maneira retórica, pergunta-se: a Cartografia possui uma língua ou linguagem para faz uso do conceito de alfabetização? (LOBATO, 2020, p.176).

Neste mesmo artigo, em 2017, de acordo com Lobato (2020, p.177), a autora Castellar acaba alinhando suas afirmações, em muitos trechos, para o entendimento de Multiletramentos que são trabalhados na Pedagogia, principalmente, pela base conceitual em Street (2003) e em Rojo (2009). Frente a isso, chega-se ao conceito de Multiletramentos continuará sendo detalhado na próxima seção.

4. MULTILETRAMENTOS NA CARTOGRAFIA

O debate sobre as “mudanças de comportamentos, ambientes, culturas, ferramentas e relações sociais, estão vinculados às constantes modificações dos indivíduos e seus espaços” (GRACIOLI, 2017), e esses estão imersos no contexto da sociedade fluida. “Uma sociedade que vive o local e o global ao mesmo tempo. Uma sociedade em que as parciais e a informação/conhecimentos se veem desafiados pela liquidez das relações e dos modos de vida” (BAUMAM, 2001, p. 34)

Com intuito de produzir uma Geografia que busca ajudar o aluno a conhecer e a intervir na realidade onde vive e estuda, se faz necessário conduzir a ideia de repensar a sociedade contemporânea que é marcada pela fluidez e pelo dinamismo nas relações e na organização do espaço, bem como emerge. Visto isso, é de urgência a necessidade de novas metodologias de ensino-aprendizagem que contextualizem o espaço geográfico atual, circundados pelo crescimento exacerbado dos meios de comunicação, a rápida circulação de informações, as territorialidades, as verdades de cada grupo de alunos e a multimodalidade (integração de textos escritos, imagéticos, áudios, animações etc), que criam novos métodos de leitura e produção dos textos, sejam eles verbais, escritos ou imagéticos. (ROJO, 2009)

Dito isso, para desenvolver o presente artigo foi utilizado o conceito de Multiletramentos na Cartografia, o qual apresenta um novo olhar para o ensino da Cartografia Escolar.

Logo, o conceito de Multiletramentos passa a ser visto como uma possibilidade de atender esse público atual, pois, este termo se referindo a dois aspectos de grande importância da comunicação e da representação na atualidade: o primeiro “a variedade de convenções¹ de significados nas diferentes esferas da vida (cultural, social ou de domínio específico)” (RAMOS, 2020), ou seja, estão cada vez mais em destaque nas formas de interação dos mais diversos contextos sociais. Sendo assim, fica fácil compreender que a alfabetização tradicional, sempre focada “nas regras formais e no cânone literário de um único padrão de uma língua, não é mais suficiente” (RAMOS, 2020). Visto que, a atual condição sociolinguísticas propõe estruturar os discentes para estarem preparados a transitar pelos mais variados ambientes sociais nos quais as convenções da comunicação podem ser diversos. E isso pode ser evidenciado, como consequência de diversos fatores, tais como: cultura, classe social, gênero, experiência de vida, campo de trabalho, assunto ou disciplina acadêmica. Logo, deixa claro que o termo multiletramento permite “uma alfabetização que seja tributária da Linguística Contrastiva e explore as variantes da língua”. (RAMOS, 2020)

E o segundo que é a “multimodalidade resultante das características dos novos meios de informação e comunicação” (RAMOS, 2020), ou seja, compreender que a palavra não é mais, somente, registrada pela escrita. Mesmo que essa seja considerada a mais tradicional e mais prestigiada, ela nunca foi a única forma de comunicação de registro. É possível destacar diversos meios de transmissões, tais como: oral, visual, auditiva, tátil, gestual e espacial, tendo essas “suas próprias regras e padrões de significado, relacionam-se entre si e com o meio da escrita.” (RAMOS, 2020). Atualmente, as tecnologias digitais têm ganhado cada vez mais espaço, sendo assim fundamental pedagogia de letramento, para que esta não privilegie unicamente as representações escritas, mas, sim, busque uma formação que vá, além disso. Sendo assim, é de muita importância desenvolver ambientes de aprendizado que suplementem tradicional leitura e escrita com “representações multimodais; particularmente, com os novos meios digitais”. (RAMOS, 2020)

Acrescentando ao que foi dito, pode-se perceber que tais práticas permitem o envolvimento dos sujeitos em múltiplas funções e diferentes contextos, bem como estruturam o desenvolvimento do trabalho escolar em todos os anos de ensino. E isso, ocorre devido “a escola ser uma agência de promoção de letramentos por excelência em nossa sociedade e, é criação de espaços para experimentar práticas sociais letradas”. (KLEIMAN, 2007, p.4)

Logo, para melhor compreender a temática desse artigo, o autor principal a ser utilizado será o Rodrigo Batista Lobato, pois este defende o conceito de Multiletramentos na Cartografia, para a leitura dos mapas, com intuito de apresentar “um movimento com objetivo de realizar a construção dessa forma de pensar e, ao mesmo tempo, trazer aqui uma cosmovisão a respeito da educação cartográfica, a partir da Educação Infantil”. (LOBATO, 2020, p.180), e para ele,

Entender esse processo de multiletramentos é compreender que dominar somente os conceitos cartográficos não são suficientes para tornar o estudante da Educação Básica em um leitor crítico e proficiente em mapas e um “mapeador” consciente. Com isso, pergunta-se: afinal, crítico e consciente de quê? Que ilusão é essa que se criou, na qual o conhecimento da exatidão da escala faria da criança um exímio “mapeador”, pois, se a mesma, somente fixar na cabeça que quando o denominador diminui, a escala cartográfica aumenta, tem-se aqui uma escala grande; mas, essa escala grande atenderia, de fato, aos anseios no que tange a compreender as relações espaciais daquilo que se vê cheio de detalhes nos mapas?” (LOBATO, p.180-181)

¹ O sentido de convenção apontado aqui, não é o mesmo para as convenções e padronizações das informações nos mapas, mas tem-se o sentido de pluralidade.

Para deixar mais claro, o autor acima, cita Paulo Freire para explicar com mais clareza seu olhar sobre a temática,

“Apesar de Paulo Freire não usar o termo letramento ou multiletramentos em seus textos, entende-se que, quando esse educador nos diz que, para se alfabetizar na língua faz-se necessário pegar exemplos do cotidiano deste estudante, significa dizer que o processo de desenvolvimento humano para aprender a ler e escrever chama atenção para se usar significantes que já possuem significados, e que façam parte dos valores culturais já adquiridos por essa criança em seu ambiente. Freire alfabetiza a língua, letrando a partir do espaço vivido, levando em consideração que a leitura de mundo antecede a leitura e a escrita convencionais. Ainda nesse exemplo ancorado em Freire, no que concerne ao ensino das letras para se formar uma palavra (codificar), como não dizer que aquele que está aprendendo não compreende ou não interpreta tal significado? Em outras palavras, essa pessoa pode até fazer uso enquanto prática social de um certo significado, por exemplo “arar a terra”, e ser letrado nesse quesito, mas a mesma pode não saber escrever “terra”. Neste processo de aprendizagem, esse indivíduo, ao adquirir o domínio da língua escrita, estará no caminho de possíveis multiletramentos, pois estará, conseqüentemente, aprendendo a escrever e a ler, levando-se em consideração outros conhecimentos que já possui”. (LOBATO, 2020, p.180-181)

Para acrescentar mais ainda esse debate, e compreender sobre essa temática é preciso considerar que,

Esse fator “multi”, significa dizer que um há diversos processos de aprendizagens que estão convergindo, logo, não possui apenas um conhecimento, mas no mínimo, a convergência de dois conhecimentos que fazem parte de nossa prática social. Com efeito, a partir da revisão desenvolvida ao se utilizar a teoria da representação de Stuart Hall para compreender a diferença entre alfabetização e letramento, é possível que seja aferida a última hipótese dessa tese, em que o processo de aprendizagem de Cartografia. Dito isso, significa dizer que a base para se fazer uma leitura do mapa não é apenas buscar o Letramento Cartográfico, ou seja, os conhecimentos oriundos da ciência cartográfica na representação e comunicação, mas sim em entender que o usuário, ao ler a imagem, estará fazendo uso de outros letramentos que possibilitarão ler e interpretar o mapa. (LOBATO, 2020, p.180-181)

Sendo assim, é possível compreender através do olhar do autor em questão, que a forma geográfica de pensar não deve ser somente formada por conceitos acadêmicos, formais e geográficos, mas também por muitos letramentos e essa pluralidade de competências poderá potencializar as habilidades dos discentes para realizarem a leitura dos mapas pelos Multiletramentos na Cartografia. (LOBATO, 2020, p.34)

Diante disso, atrelar os conhecimentos adquiridos desde a tenra idade ao processo de aprendizagem do pequeno se torna fundamental, pois de acordo com Coelho (2018, p.58), a primeira infância pode ser considerada porta de entrada para os diversos letramentos quando afirma que:

O desenvolvimento da criança acontece parecido com uma construção de uma casa, ou seja, o conhecimento que os pequenos recebem antes dos 6 anos são como as paredes que sustentam todas as estruturas, e por isso precisam ser fortes. Sendo assim, possível compreender o motivo da primeira infância ser tão importantes, pois é o momento ideal para construir hoje o que eles serão no futuro. Por isso, o educador deve saber mediar e proporcionar um ambiente que estimule positivamente esta aprendizagem, valorizando os conhecimentos, as linguagens, ou, seja, utilizar os diversos letramentos na aprendizagem e desenvolvimento da criança. Utilizando recursos lúdicos com a criança, no qual permite que a mesma recrie sua realidade, interpretando suas ações, trazendo significados para sua vivência. (COELHO, 2018, p.67)

Logo, aproveitar a Educação Infantil para desenvolver possibilidades cartográficas na criança é fascinante, pois se torna “um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida.” (CALLAI, 2005, p. 4-5). Partindo de este olhar, Coelho (2018, p.8), pode acrescentar mais ainda, afirmando que:

(...) através dos desenhos animados, os mapas fazem parte das nossas vidas desde a tenra idade, antes mesmo de a criança ir para a escola. Logo esse tipo de linguagem pode ser introduzida na vida das crianças ainda na Educação Infantil, com atividades simples, divertidas, brincadeiras em que eles são introduzidos, mesmo que não saibam ainda muito sobre mapas. (COELHO, 2018, p.8)

Por isso, quando se usa as linguagens que já permeiam o contexto em que a criança está inserida e acrescenta-se a essas linguagens um olhar voltado para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, a obtenção de resultados positivos é bem provável. Sendo assim, partindo dessa premissa, esse artigo vai buscar agora, unir o desenho animado, que já faz parte da vivência desse pequeno indivíduo, que por si só, já permite o desenvolvimento de letramentos e vai buscar o olhar de aprendizagens com intuito de desenvolver os Multiletramentos na Cartografia através da Iniciação Cartográfica.

5. INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Para muitos, chegar a algum lugar desconhecido e precisar utilizar o mapa para traçar o melhor caminho possível é quase uma tortura. Embora essas atividades possam ser consideradas corriqueiras, realizá-las com desenvoltura envolve domínio de diversos conhecimentos (GENTILE, 2016, p.2), que são adquiridos no decorrer da vida, através de letramentos e podem ser introduzidos desde a Educação Infantil com intencionalidade através da Iniciação Cartográfica. Considerada essencial para o ensino da Geografia, “a Cartografia tornou-se importante na educação contemporânea não somente para o aluno poder atender às necessidades que aparecerão no seu cotidiano” (GENTILE, 2016, p.) conforme apresentado no exemplo acima, mas para estudar o ambiente em que o indivíduo pertence.

Para dar início a esse debate é preciso compreender que a introdução da criança ao ensino da cartografia deve buscar trabalhar os conhecimentos que o educando traz consigo do meio social de convívio, podendo ser utilizados para o aprimoramento do conhecimento e melhor aprendizado. Tanto que, Lopes e Mello (2017), destacam que os bebês e as crianças nascem em um mundo de linguagem, que envolvem palavras humanas e artefatos da cultura, ou seja, são conhecimentos apreendidos desde o nascimento até esse ser social entrar na escola.

Mesmo que esse conhecimento seja apontado como sendo senso comum, tal como Luckesi (1990, p.94) designou, pois, essa aquisição considera que “nascemos numa certa circunstância geográfica, social e histórica e nela adquirimos espontaneamente um modo de entender a realidade e agir sobre ela”. Assim, é preciso reconhecer que essa criança não chega vazia na escola.

Acrescenta-se ainda neste debate a forma geográfica de pensar, em que Gomes (2017), diz ser um dos sentidos de Geografia em seu livro Quadros geográficos, em que discorremos que essa criança desde a Educação Infantil já tem “uma forma autônoma de estruturar o pensamento, uma forma original de pensar”.

Vale salientar que, aprendizado acontece de maneira que a criança vai descobrindo seu mundo e o mundo ao seu redor. A partir daí a criança vai descobrindo as maneiras de visualizar e reconhecer o mundo a que ela pertence e como representá-lo. (COELHO, 2018, p.32)

Partindo disso e indo a consonância do autor Lobato (2020) é preciso deixar em evidência que a Educação Infantil:

Não é um espaço de escolarização, pois deve ser um campo de experiência e não um campo de “curricularização” dos saberes. Percebe-se então, o grau de importância para essa educação assistida às crianças nessa fase da primeira infância, em que, não se deve alfabetizar cartograficamente as crianças nesta modalidade da Educação Básica, tampouco ensiná-la diretamente a Cartografia ou o que é um mapa, mas sim em se realizar uma Iniciação Cartográfica (doravante IC) como o início de uma educação cartográfica com base nas experiências obtidas nesse período etário. (LOBATO, 2020, p.197)

O mesmo autor, propõe em sua tese demonstrar como essa educação cartográfica deve ser apresentada desde a Educação Infantil, no qual aponta que o ensino de conceitos geográficos e não-geográficos já são realizados, todavia, o docente nesta modalidade não tem este intuito de potencializar o processo de desenvolvimento conhecimentos e habilidades no processo de ensino aprendizagem da criança, na qual chama de Iniciação Cartográfica, sendo esta defendida por ele como a primeira etapa do Multiletramentos na Cartografia.

Em vista disso, é importante reforçar que a diversidade de letramentos apreendidos não se resume apenas nos conhecimentos cartográficos, mas sim no conjunto de saberes que serão somados aos conhecimentos dessa ciência cartográfica, e, assim, darão sinergia para esses discentes em suas aprendizagens, não apenas na Educação Básica, mas na vida cotidiana (LOBATO, 2020, p.198).

Concordando com o autor acima, Coelho (2018, p.79) contribui relatando que o ensino da cartografia na Educação Infantil deve funcionar de forma gradativa, conjuntural e contínua, levando em consideração que os alunos estarão passando por um processo de introdução a essa Iniciação Cartográfica e obterão conceitos básicos, porém fundamentais para o desdobramento cartográfico durante todo o processo escolar, visto que “o processo de Iniciação Cartográfica é uma apropriação na Educação Infantil de habilidades que serão utilizadas nas séries iniciais do Ensino Fundamental” (LOBATO, 2020, p. 213), e a mesma vai funcionar com o objetivo de subsidiar o desenvolvimento dessa linguagem cartográfica, “para espacializar e enunciar através das representações gráficas seus mapas vivenciais do seu espaço vivido, da sua escola, da sua rua, do seu bairro e, por que não, do mundo?” (LOBATO, 2020, p. 213)

À face do exposto, é preciso apresentar o olhar do autor Lobato (2020) e o que o mesmo esclarece sobre Iniciação Cartográfica, através de sua pesquisa:

1. Ela começa na Educação Infantil e não depois dessa etapa da Educação Básica; 2. Ela não é o ensino de Cartografia ou de mapas, mas sim o ensino que visa preparar o terreno para os docentes do Ensino Fundamental e Médio para que possam introduzir os estudantes nessa educação cartográfica e dar continuidade dos Multiletramentos na Cartografia. O que não é compreendido como sendo essa Iniciação Cartográfica, é: Por meio dos conceitos cartográficos, significa dizer que ela será feita a partir de atividades que envolvem temáticas geográficas e não geográficas (multiletramentos), os quais infere-se como sendo essenciais para essa Iniciação Cartográfica na Educação Infantil. Sendo assim, apresenta-se as temáticas que são trabalhadas na Educação Infantil e vão compor essa Iniciação Cartográfica. A relevância de cada tema, não permite que exista um ponto mais importante que o outro, assim, todos eles são interdependentes, se complementam e se articulam entre si, sendo: • Alfabetização gráfica, isto é, ensino das formas geométricas; • Incentivo ao desenho e uso de signos para representar e simbolizar o espaço vivido e percebido; • Relações topológicas; • Relações euclidianas; • Relações projetivas; • Ensino das cores; • Mapas mentais; • Orientação corporal; • Relação espaço-tempo. (LOBATO, 2020, p.199)

Dito isso, é de suma importância compreender que desenvolver a Iniciação Cartográfica desde a pré-escola é fornecer mecanismos para a construção do espaço em que a criança habita, para que os mapas possam ser lidos, interpretados e compreendidos, deixando para trás a ideia de figuras incoerentes e desconexas apresentadas nas aulas de Geografia. (COELHO, 2018, p.80)

Sendo assim, a partir desse breve esclarecimento sobre Multiletramento na Cartografia, e a importância da Iniciação Cartografia, é possível iniciar a análise do *cartoon* “Dora, a aventureira”, entendendo primeiramente que com os auxílios do desenho, a criança que nem sempre teve contato com a escola ainda, já possa ter um contato mínimo com preceitos relacionados ao mapa, sendo que este é uma possível ideia de metáfora do mundo real.

É preciso destacar que a cartografia apresentada no desenho é introdutória, não tem preocupação com profunda precisão cartográfica ou conceitos complexos relacionados a mesma. A proposta é que se apresente a ideia de mapa, visto que muitos desses pequenos que assistem ao cartoon, nem sempre foram para a escola (LOBATO E COELHO 2018, P.58).

5.1 Iniciação Cartográfica através do desenho animado “Dora, a aventureira”

Em diversos momentos é possível destacar a Iniciação Cartográfica utilizando o desenho animado “Dora, a aventureira”. Para destacar mais ainda o mapa, foi escolhido o episódio “O mapa perdido”, pois o personagem mapa é sequestrado pelo pássaro pateta, que faz uma pequena confusão, achando que ele era pequeno graveto e o leva com intuito de construir seu ninho. Nesse momento, Dora se vê perdida, pois o mapa sempre a guia, então rapidamente o mapa lhe diz como fazer para ser recuperado, e Dora faz seu próprio mapa para encontrá-lo na “montanha altíssima”. Dora procura recursos em sua mochila para desenhar os caminhos que precisa percorrer para chegar até o mapa, sendo estes: o Jardim de borboletas, o Campo de milho, e por fim, a montanha altíssima, como ilustrado nas Figura 2.

Figura 2 – Dora demonstrando o mapa que ela mesma produziu.



Fonte: Netflix

É de suma importância ressaltar que cada episódio apresenta três tarefas para realizar: a primeira é chamar Mapa; a segunda é visualizar o percurso demonstrado pelo Mapa; e a terceira é dizer à Dora de que maneira ela deve chegar ao local pretendido. Desta forma é possível construir para as crianças, brevemente, um possível conceito de mapa, ao promover a sua consulta antes de Dora sair em uma aventura. “Em sua orientação, o Mapa sempre mostra três lugares a serem alcançados, e esses são repetidos ao longo do programa, sempre por três vezes, com intuito sempre de orientar o telespectador do objetivo que irá ser alcançado” (Lobato e Coelho, 2018). Entretanto, o episódio escolhido para esse artigo, não vai acontecer dessa maneira, visto que o mapa foi capturado, e a Dora vai precisar sozinha, através dos conhecimentos adquiridos em outros episódios, resgatar seu amigo Mapa.

No momento em que a Dora, apresenta o seu desenho, permite que os pequenos que estão assistindo, também se sintam estimulados para criar um mapa mental em sua cabeça. E isso acontece, pois a personagem, ao apresentar o mapa e o percurso para se chegar ao local de interesse, “a mesma apresenta três imagens que se fazem necessárias passarem, fazendo como que, depois, apenas repitam os três nomes geográficos. Dessa forma, a criança cria esse universo espacial que a Dora e seus amigos precisam navegar até o destino final” (LOBATO, 2020, p.215.). Com isso, pode-se observar o primeiro exemplo de Iniciação Cartográfica que se pode ser adquirida através dos desenhos animados.

Com o objetivo de chegar até a montanha altíssima, sem a ajuda do amigo Mapa, Dora e Botas precisaram procurar recursos que os auxiliem a encontrar o caminho correto, e eles se deparam com uma placa (Figura 3), a qual precisam compreender, pois nela se encontra um tipo de o mapa que explica como passar pelo Jardim das Borboletas para então chegar até o milharal.

Figura 3 – Dora e Botas tentando compreender a placa.



Fonte: Netflix

Ao se deparar com a placa, Dora e Botas se questionam, “estamos aqui, nesse X, não é?”, com isso, é possível encontrar uma semelhança aos mapas dos shoppings, que representam com X o local em que o indivíduo se encontra naquele momento. Ao se encontrar, Dora analisa o pequeno mapa presente na placa e pergunta aos pequenos telespectadores qual caminho das borboletas ela deveria seguir, visto que o objetivo dela era percorrer por ele para chegar até a montanha altíssima. Com isso, ela faz os telespectadores pensarem, e entender que as borboletas azuis são as que permitem esse percurso. E nesse momento é possível observar o desenho mais uma vez apresentando características da Iniciação Cartográfica, ou seja, “uma forma geográfica de pensar, na qual foi necessária fazer uma análise espacial com o posicionamento das borboletas e classificando as mesmas a partir das cores, que estão dentro de um contexto cartográfico e espacial”. (LOBATO, 2020, p.215)

Vale ressaltar a análise mais detalhada do autor sobre essa imagem,

Mais uma vez, nota-se o que tem sido defendido neste estudo, que os Multiletramentos na Cartografia não são restritos aos conceitos cartográficos, visto que a Iniciação Cartográfica se faz com temas não-cartográficos também; e neste caso, fez-se o uso das cores para realizar a leitura espacial do quadro (geográfico) apresentado, de modo que a personagem tinha o posicionamento das borboletas, combinado com as relações topológicas, com a orientação corporal (direita e esquerda), com a simbologia dos desenhos. Esse desenho da Dora, em outros momentos além das cores, assim como usam formas geométricas para classificar e desenvolver esse pensamento espacial. (LOBATO, 2020, p.215)

Dando sequência às cenas do episódio, após sair do Jardim das Borboletas, Dora segue buscando chegar ao milharal, porém toca uma música, que indica o possível surgimento do Raposo e a Dora faz o seu questionamento de sempre, “você conseguem ver o Raposo e pergunta: ONDE?” (LOBATO; COELHO, 2020, p.58) (Figura 4). As noções topológicas

ficam em destaque nesse momento, seguindo mais uma vez a proposta de Iniciação Cartográfica. (COELHO, 2018, p.62)

Figura 4 – Dora procurando o Raposo.

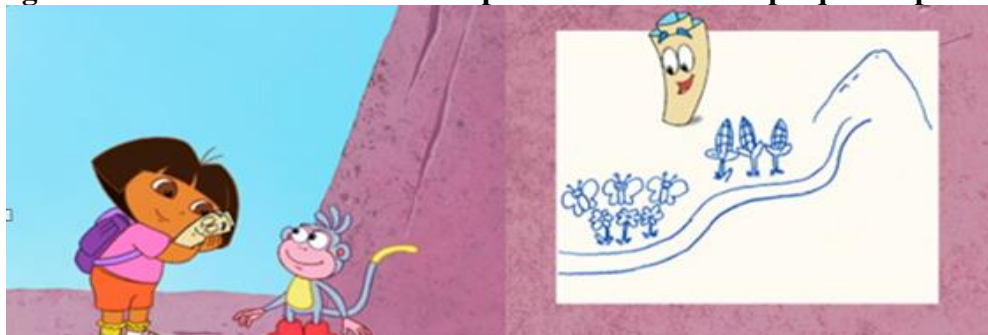


Fonte: Netflix

Dora, em seus episódios, está sempre em uma corrida contra o tempo, e esse tempo é percorrido no espaço geográfico do desenho, de modo que é demonstrada essa relação espaço-tempo assim como uma relação euclidiana, muitas vezes com ela questionando o espectador dizendo “qual é o caminho mais rápido, pela direita ou pela esquerda?”, trazendo, assim, uma ideia de perto e longe e de próximo e distante. (LOBATO, 2020, p.216)

Quando chega à montanha, Dora reencontra seu amigo Mapa. Muito empolgada, a Dora mostra o mapa que ela fez, para reencontrá-lo. Logo após, novamente é apresentado para os pequenos o mapa desenhado por Dora, e o personagem Mapa a elogia, visto que seu mapa mental permitiu traçar o percurso pretendido (Figura 6). Logo, fica claro que “ato de a Dora desenhar o próprio mapa deve ser um grande passo para demonstrar que um diagrama pode representar um mundo maior”, e “é possível perceber a importância do desenho na vida da criança”. (LOBATO; COELHO, 2020, p.58)

Figura 6- Dora reencontrando o mapa e mostrando o mapa que ela produziu.



Fonte: Netflix

É possível perceber em todos os episódios, porém com muito mais destaque neste, a importância do mapa em todos os sentidos, visto que Dora precisou sozinha traçar seu percurso. Dito isso, é preciso destacar que a forma como o desenho destaca o mapa, seja pela sua forma de falar, sua música, e construção da sua imagem, e isso, manter as crianças interessadas em olhar para um mapa na tela da televisão (LOBATO; COELHO, 2020).

Acrescentando ainda, a Dora apresenta em seus mapas, uma relação projetiva, “diferenciando as distâncias e os objetos representados no mapa, dando também uma noção

de profundidade para as crianças assimilarem essa questão tridimensional, com diferentes pontos de vista”. LOBATO (2020, p.215)

Vale pontuar ainda que a proposta do mapa para a idade das crianças que assistem o desenho é bastante interessante, uma vez que possibilita a eles uma melhor compreensão do que o que é um mapa e talvez para esclarecer como deve ser utilizado. O desenho a todo o momento destaca o Mapa, “desde a construção da imagem do mapa no desenho, a forma como o mapa se expressa com as crianças ao apresentar seu tabuleiro, prendendo a atenção delas, e até a sua música que deixa claro qual é o papel do mapa” (LOBATO; COELHO, 2020, p.60).

Diante de tudo que foi exposto, entende-se que o desenho como ferramenta pedagógica aborda os temas elencados na Iniciação Cartográfica nesta modalidade da Educação Básica, na prática, trata-se de Multiletramentos na Cartografia, “nos quais são desenvolvidos uma gama de conhecimentos e habilidades aos discentes para sua educação cartográfica, não apenas para o seu período como escolar, mas também ao fazer uso da Cartografia na vida, em suas práticas sociais”. (LOBATO, 2020, p.216)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi possível compreender a importância da linguagem cartográfica, e entender que a mesma não deve ser dar de maneira linear e mecânica, e sim estando sempre ligada às experiências com a realidade e os modos de se perceber o mundo. Além disso, é preciso ressaltar a proeminência de entender a linguagem cartográfica como uma prática social, tal como Dora retrata em seu dia a dia no decorrer dos episódios.

Dito isso, é preciso destacar que se faz necessário compreender que a Cartografia como prática social, por fazer uso de outros saberes para mediar à leitura dos mapas, no qual os conceitos cartográficos não serão exclusivamente responsáveis para a leitura do espaço e pela leitura de mundo pelo mapa, e sim o somatório de diversos outros letramentos adquiridos no decorrer da vida.

É preciso destacar também que o conceito de Alfabetização Cartográfica acaba colocando a Cartografia como uma língua, e, além disso, ensina uma técnica para se desenvolver um aluno que seja leitor crítico e mapeador consciente, deixando claro que sem essa técnica não é possível realizar esse objetivo e desenhar mapas.

Percebe-se isso, de acordo com Seemann (2021, p. 50), em que o termo alfabetização permite uma conotação de nível inicial, ou estágio inferior, que talvez possa ser utilizado na língua, visto que “no caso de crianças, implica o estudo do “bê-á-bá” identificando letras do alfabeto e articulando fonemas e sons de sílabas”, porém não se aplica a linguagem, pois a mesma já faz parte das experiências baseadas na percepção do espaço vivido.

Com isso, outro ponto importante foi compreender que a Iniciação Cartográfica faz uso de conceitos que não são exclusivamente cartográficos e tem o intuito de desenvolver bases para o conhecimento cartográfico na primeira infância para o seu uso nas fases de aprendizagem seguinte. Vale ressaltar ainda que a primeira infância é a etapa de nossas vidas que mais estamos abertos aos aprendizados e esses conceitos bem apreendidos pelas crianças, permitirão que elas possam realizar mapas vivências.

Ao longo deste artigo, foi possível entender o conceito de Multiletramentos na Cartografia, e principalmente a importância da Iniciação Cartografia como construtora de preceitos que influenciam e incentivam na perspectiva de mundo e de organização espacial. “Quando as crianças são incentivadas a verem a Cartografia como prática socioespacial, como uma linguagem e como o mapa sendo o seu veículo de comunicação”, (LOBATO, 2020, p.216), conseguem desenvolver domínios cognitivos e melhor capacidade de perceber,

entender o mundo, manuseando com desenvoltura instrumentos da Geografia, pois desde a Educação Infantil teve suporte para tal.

Por fim, foi possível observar com bastante clareza através da linguagem do desenho animado “Dora, a aventureira”, as mais diversas possibilidades de introduzir a Iniciação Cartográfica no contexto dos pré-escolares. Visto que, o objetivo real dessa iniciação não é ensinar diretamente a Cartografia, ou exatamente o que é um mapa para a criança. Sua proposta na verdade, é construir estruturas sólidas de letramentos para que os docentes do Ensino Fundamental e Médio possam introduzir os estudantes nessa educação cartográfica, sendo esta, a cada modalidade de ensino, mais aprofundada e dominada pelos discentes com intuito de desenvolver Multiletramentos na Cartografia.

7. REFERÊNCIAS

BARIONI, Lígia Maria Nogueira. **O lúdico e o pedagógico em “Dora, a aventureira”: um desenho animado televisivo contemporâneo.** 2013. XX f., Monografia (Licenciatura Em Língua Portuguesa) Instituto De Estudos Da Linguagem, Campinas, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CARTER, J. R. **Map: tv character and visual representation of space.** 2009. disponível em acesso em: 22 de maio 2021.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>>. acesso em: 15 nov. 2020.

COELHO, P. D. B. M.; LOBATO, R. B. **Dora, a aventureira e o ensino de geografia na educação infantil.** Revista Educação Pública (Rio de Janeiro), v. 19, p. 01, 2019.

COELHO, Paloma Danielle Barra Machado. **O sentido de mapa nos desenhos infantis.** 2018. 92 p. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2018.

GENTILE, Paola. **O tesouro dos mapas.** GEOGRAFIA, Rio Claro-SP, v.46, n.7, 2016.

GOMES, P.C.C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar.** 1a Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GRACIOLI, Jéferson Muniz Alves. **Multiletramentos e leitura de mapas no ensino de Geografia.** Uberaba, MG, 2017, 100p f. Dissertação (Mestrado em Educação). -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, 2017.

LOBATO, Rodrigo Batista. **Multiletramentos na Cartografia.** Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2020.

KLEIMAN, Ângela. **Letramento e suas implicações para o ensino de Língua materna.** Revista Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: Acesso em: 22 ago. 2013.

LOBATO, R. B.; COELHO, P. D. B. M. **O sentido de mapa nos desenhos infantis.** Khóra Revista Transdisciplinar, v. 5, p. 50-60, 2018.

LOPES, J.J.M.; MELLO, M.B. **Cartografia com crianças: lógicas e autorias infantis.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 7, n. 13, p. 67-78, jan./jun., 2017.
LUCKESI, C. C. **Filosofia do cotidiano escolar: por um diagnóstico do senso comum.** In: Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1990.

PRUDÊNCIO, Benedito Reinaldo; AZEVEDO, Nair Correia Salgado. **A arte e a ludicidade como recursos pedagógicos na educação infantil.** Anais do XIX Simpósio de Iniciação Científica da FACLEPP – Unoeste, Presidente Prudente – SP, 2018.

SEEMANN, J. **Cartografia: mapa, linguagem e narrativa** [recurso eletrônico] / Rodrigo Batista Lobato, Jean Lucas da Silva Brum. – Rio de Janeiro: UVA, 2021.

SILVA, F. M. **A utilização do desenho animado como recurso pedagógico para a aprendizagem dentro de sala de aula: relato de experiência.** 2017, 25p. Artigo (Graduação em artes), Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, PA, 2017.

SILVA JÚNIOR, A. G. da, TREVISOL, M. T. C. **Os desenhos animados como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da moralidade.** In: IX EDUCERE, 2009, Curitiba, PR. Anais. Curitiba, PR: PUCPR, 2009, p.5043-5054.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia no Ensino Fundamental e Médio.** In: A geografia na sala de aula. CARLOS, A.F.A. (Org). 8. Ed. São Paulo: Contexto, 1999.

OLIVEIRA, Thelma Cademartori Figueiredo. **Programa inspira digital: metodológico e orientações didáticas.** São Paulo: Evobooks, 2016.

RAMOS, Rodrigo Manz de Paula. **Rumo à BNCC Ensino Fundamental.** São Paulo: Evobooks, 2020.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me ajudado muito a ultrapassar todos os obstáculos que esse ano me causou, permitido que eu tivesse saúde e não desanimasse durante a conclusão desse artigo.

Aos meus pais, Sonia (em memória) e Nildo por terem sido meu TUDO, minha base, meu porto seguro e por abrirem mão de seus próprios sonhos para concretizar os meus. Mãe, a você, eu dedico esse trabalho, e meu eterno agradecimento, por tudo que sempre foi e fez por mim.

Aos meus irmãos, pela amizade, companheirismo e carinho, e por sempre me apoiarem em tudo.

Ao meu esposo, Maurício, que sempre me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

A todos os colegas de classe que conheci nessa turma do CPII, principalmente ao José Renato e a Thais Thuane, que em todos os momentos estiveram e estão próximos a mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Ao corpo docente do curso de Pós Graduação do CPII, que foram essências no meu processo de formação, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

À professora, Zélia Thomaz, que foi minha orientadora, pela ajuda, pela paciência e principalmente, pelo carinho com a qual guiou meu processo de construção do artigo.

Ao meu querido amigo, Rodrigo Lobato, que sempre esteve ao meu lado, pela amizade incondicional, pelo apoio demonstrado e pela parceria de sempre. Muito obrigada mesmo!